

Gláucia M. P. Lara (2023). *Entre experiências e Memórias: narrativas de vida de migrantes brasileiros na Europa*. Campinas: Pontes Editores. ISBN 978-65-5637-777-3.

Cláudio Humberto Lessa

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
(Brasil)

claudiohlessa@cefetmg.br

<https://orcid.org/0000-0003-0005-2233>

Gláucia M. P. Lara, professora-pesquisadora da UFMG, tem se destacado na produção de trabalhos científicos no âmbito dos estudos do texto e do discurso a partir de diferentes vieses, tais como a teoria semiótica de Algirdas Julien Greimas e a ADF (Análise de Discurso Francesa). A autora realizou três estágios pós-doutorais, um dos quais se dedicou a investigar os efeitos de sentido produzidos por enunciados destacados na imprensa francesa. Atualmente, contabiliza mais de 100 artigos publicados nos âmbitos nacional e internacional. Nos últimos anos, tem se dedicado ao estudo de temas sensíveis, visando compreender os sentidos produzidos por sujeitos migrantes a partir de suas narrativas de vida, interrogando as complexidades subjacentes aos processos migratórios. Um dos marcos dessas investigações foi a publicação do livro *Vivendo do outro lado do Atlântico: histórias de brasileiros em Portugal*, lançado pela Grácio Editor, em Coimbra, em 2021.

Na obra aqui resenhada, a pesquisadora busca responder a questões igualmente complexas, tais como: quais são as razões e os imaginários que levam brasileiros a migrarem para a França ou para a Inglaterra? Quais são os aspectos históricos subjacentes a esse processo? Quais as principais dificuldades enfrentadas por essas pessoas? Como elas lidam com a discriminação, com os preconceitos e com a xenofobia no país de acolhida? Qual dos dois países mostra-se mais receptivo ao brasileiro? Quais são as representações, as avaliações, as imagens de si e de outrem que emergem em suas narrativas de vida? Haveria um discurso comum ao migrante brasileiro, um tipo de “trama narrativa canônica” (p. 289) que caracterizaria um possível “gênero narrativa de migração”? Ou ainda: é possível, a partir de pequenas histórias singulares, fazer inferências sobre uma grande história, relativa a um grupo social?

O leitor, a partir dos fragmentos das entrevistas transcritas por Lara, feitas com doze pessoas migrantes (seis na França e seis na Inglaterra), poderá constatar que a autora foi bem sucedida ao nos mostrar que, a partir do cotejo entre as dimensões individual e social de cada ser que se narra, é possível ouvir ecos de subjetividades que passaram ou que passam por um processo de desenraizamento doloroso, como a autora destaca e como salienta Ida Lúcia Machado, pesquisadora que prefaciou o livro. A pesquisa de Lara tem o mérito de abordar um “objeto inabitual” na AD, cuja tradição tem optado por investigar discursos e locutores relacionados a instituições, como Main-gueneau ressalta no posfácio da obra. Desta forma, a autora contribui para operar e para afirmar uma inversão quanto aos tipos de objetos de estudo privilegiados pela ADF, destacando, assim, a importância dessa nova materialidade discursiva: as narrativas de vida produzidas a partir de entrevistas acadêmicas, no contexto epistemológico dos Estudos da Linguagem.

Em seus recentes trabalhos, a pesquisadora insere-se em uma longa tradição de diversas disciplinas das Ciências Humanas que passaram a considerar o sujeito, seus pontos de vistas, suas condições existenciais e suas identidades como fontes legítimas de conhecimento; questionando,

dessa maneira, o paradigma positivista de se fazer ciência. Como pontuam Brockmeier e Harré (2003), esse questionamento abriu caminhos para que emergissem pesquisas de cunho interpretativista, baseadas em formas de vida sociodiscursivas e culturais.

Ao longo das décadas, os diversos métodos ou abordagens biográficas têm contribuído para fazer emergir vozes no espaço público pertencentes a grupos minoritários, subalternizados, bem como narrativas de teor testemunhal de pessoas que passaram por experiências traumáticas tais como a Shoah, durante a Segunda Guerra, e de vítimas das ditaduras da América Latina, revelando um movimento que tem sido nomeado como um “dever de memória”. Nessa perspectiva, Lara insere-se em um movimento no qual e pelo qual o fazer científico contribui para a visibilidade de discursos contra-hegemônicos e sinaliza, dessa forma, o caráter eminentemente ético e político desses tipos de pesquisas. Esse fenômeno aponta, segundo Bruner (1991), um momento que pode ser caracterizado como uma “virada discursiva e narrativa” no âmbito das Ciências Sociais.

A obra resenhada apresenta extremas urgência e atualidade em um contexto político que tem sido marcado por um recrudescimento dos discursos neoconservadores e fascistas, no Brasil e no mundo, caracterizados pela produção de mensagens baseadas em uma estrutura agonística, de acordo com Ansart (2019), nas quais se expressa um *nós* que se constitui por oposição a um *eles*, considerado como um adversário, comumente, representado como um mal a ser eliminado e cujos costumes, tradições, maneiras de ser e de parecer são alvos de discriminação, de preconceito, de xenofobia, de racismo e de discursos de ódio. Como exemplo, podemos citar a aprovação de uma lei, em 22 de abril deste ano, no parlamento inglês, que prevê a deportação para Ruanda de imigrantes que entraram ilegalmente no país. Segundo o *G11*, “Estima-se que 55 mil pessoas estão nesse limbo (...) muitas sofrem perseguição por serem de minorias étnicas e religiosas por causa do ativismo político”

Coincidentemente, alguns dos relatos de vida de migrantes brasileiros na Inglaterra, analisados pela autora, chamam a atenção para o fato de que os britânicos revelam maior preconceito em relação a certas etnias, como os árabes. Semelhantemente, alguns, que migraram para a França, sinalizam como os franceses manifestam mais discriminação e preconceito em relação a norte-africanos e à classe social à qual pertence uma pessoa. Nesse cenário de recrudescimento de discursos neoconservadores, pesquisas como a de Lara tornam-se imprescindíveis, então, para que compreendamos os movimentos migratórios, suas complexidades, os desafios e os sofrimentos vivenciados e discursivizados pelos sujeitos que passam por tais experiências.

Para realizar suas análises, Lara, seguindo a tradição interdisciplinar da ADE, empreende um profícuo diálogo entre três campos de conhecimento para sustentar sua abordagem teórico-metodológica: i) filia-se à etnossociologia, método de pesquisa centrado em entrevistas biográficas criado, em 1976, por Daniel Bertaux, sociólogo que cunhou o conceito de *récit de vie*; ii) ancora-se nos estudos da Ciência Política, da História, da Sociologia e de outros domínios que têm se dedicado à investigação do fenômeno migratório, os quais permitem à autora uma análise dos

1 Reportagem disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/04/22/parlamento-do-reino-unido-aprova-lei-para-deportar-estrangeiros-que-pedem-refugio-no-pais.ghtml>. Acesso em 08 maio 2024. De acordo com a reportagem, Ruanda aceitou receber 370 milhões de libras esterlinas para firmar esse acordo com o governo britânico. No texto, afirma-se, também, que o Supremo Tribunal da Inglaterra avaliou que a proposta do governo conservador era ilegal, pois aquele país africano não ofereceria segurança aos sujeitos migrantes devido a seu passado de graves violações contra Direitos Humanos.

aspectos sócio- históricos que o determinam; e iii) vale-se dos estudos do texto e do discurso propriamente ditos, entre os principais, destacamos: as pesquisas de Ida Lúcia Machado, as categorias de análise pertencentes à semântica global, introduzida na ADF por Dominique Maingueneau; e, por fim, as teorizações recentes sobre a prova retórica aristotélica acerca do *ethos*, por meio da qual Lara analisa as imagens que os migrantes brasileiros projetam de si e de outrem, bem como o tom encenado em suas narrativas.

A adoção da etnossociologia como metodologia para eliciar as narrativas dos migrantes permitiu que Lara efetuasse uma escuta atenta e respeitosa desses sujeitos, revelando, assim, uma preocupação para com o outro e uma busca por compreender os sentidos que eles constroem para suas trajetórias, para seus medos, suas aspirações, seus sonhos, suas angústias e suas esperanças. Trata-se, como salienta Rhéaume (2002), da Sociologia Clínica, de um exercício de uma escuta atenta que visa proporcionar a um sujeito ou a um grupo refletir sobre si, reinscrever sua vida em um novo projeto existencial e empreender ações de empoderamento. Como Lara salienta, Bertaux (2005) propõe uma abordagem minimalista para o conceito de narrativa. Assim, na ótica do sociólogo, há uma narrativa de vida toda vez que alguém se propõe a contar partes de sua trajetória para um outro.

Nesse processo, a entrevista biográfica propicia uma dialogicidade entre os sujeitos pesquisador e entrevistado. Assim sendo, mesmo que o primeiro se guie por um roteiro prévio, o segundo exerce a liberdade de contar aquilo que foi significativo em sua trajetória para além das questões que lhe são propostas. Dessa interação, surge, então, uma narrativa na qual e pela qual um *eu-aqui- agora* reconstrói lembranças, realiza gestos de interpretação de experiências vividas por um *eu-lá-então* avaliando a si mesmo, a outrem, bem como a discursos sociais, além de discursivizar suas emoções a partir do agenciamento de categorias de língua e de discurso.

Nesse narrar a si mesmo como um outro, como a autora ressalta, ancorando-se em Charau-deau (1992), o *eu-aqui- agora* constrói uma versão de si mesmo, cria um “universo contado”, no qual emerge uma dimensão argumentativa, passível de fazer o leitor emocionar-se e persuadi-lo a crer em determinados valores, ideias, ideais e comportamentos. Nesse sentido, as análises de Lara contribuem, sobremaneira, para destacar o teor persuasivo das narrativas de vida.

Ancorando-se em Machado (2020), a autora explica que uma narrativa de vida sinaliza o entrecruzamento de três mundos: i) o social (histórico e político), ii) o psíquico (o que o sujeito deixa entrever de si no narrar-se) e iii) o linguageiro (as escolhas lexicais que revelam os temas de um discurso, valores axiológicos e afetivos, a escolha da pessoa do discurso com a qual se narra, os deslizamentos enunciativos entre o “eu” e o “nós”, as estratégias retórico-discursivas). A forma como Lara empreendeu sua investigação e, posteriormente, estruturou sua obra em capítulos e seções, parece ecoar essa inter-relação entre essas três dimensões. Vejamos. O livro é composto por uma *Introdução*, *A história por trás das histórias*, e por quatro capítulos, intitulados respectivamente: 1. *Contextualizando as migrações*; 2. *Perspectivas teórico- metodológicas*; 3. *Histórias de brasileiros na França* e 4. *Histórias de brasileiros na Inglaterra*. Na *Conclusão*, a autora reflete sobre os pontos comuns e diferentes em relação aos dois grupos entrevistados.

No primeiro capítulo, a pesquisadora cauciona suas explicações sobre os fluxos migratórios dos brasileiros pelo mundo a partir de um diálogo com autores pertencentes aos domínios da Ciência Política, da Economia, entre outros, além de recorrer a fontes oficiais para traçar um panorama geral e confiável acerca das migrações no mundo, salientando especificidades contextuais e culturais determinantes nesse processo, tais como as principais motivações e imaginários que levam os sujeitos a migrarem, bem como as dificuldades que enfrentam – travessia ilegal,

condições insalubres, permanência ilegal no país. Além disso, nessa parte, a autora evidencia as controvérsias acerca da questão migratória, apresentando, igualmente, distinções necessárias e esclarecedoras entre migração forçada e voluntária, as quais levam à distinção entre refugiados e migrantes.

Ainda, neste primeiro capítulo, Lara apresenta pesquisas que desmistificam alguns aspectos do senso comum disseminados sobre o processo migratório, tais como: i) não se observa uma relação entre migração e diminuição de postos de trabalho para o nativo; ii) as migrações não são causa de aumento da criminalidade; iii) elas não concorrem para o aumento populacional dos países. Além disso, a autora cita o estudo do pesquisador inglês Jonathan Portes que refuta a teoria da “grande substituição”, defendida por aqueles que combatem os fluxos migratórios, afirmando, por exemplo, que Londres se tornaria um “país estrangeiro”, o que acarretaria perda de traços identitários, como argumenta o comentarista político Douglas Murray. Ele afirma que as políticas multiculturalistas estariam encorajando as diferentes culturas a viverem separadamente e teriam contribuído para o surgimento de comportamentos contrários aos valores britânicos. Lembremos que tais ideias têm sido propagadas, sobretudo, por políticas e por políticos neoconservadores europeus.

Ao contrário do que advoga a teoria da grande substituição, Lara ressalta como a migração contribuiu para a modelagem da demografia da França, uma vez que, em cada três franceses, pelo um menos possui um dos avós estrangeiro; além disso, a autora apresenta dados estatísticos que mostram que um quinto da população francesa é formada por imigrantes ou descendentes de pessoas imigradas, o que revela a existência de uma grande diversidade sociocultural naquele país; no entanto, migrantes e também descendentes de estrangeiros têm sido vítimas de xenofobia e de racismo constantes. Em relação à Inglaterra, país que figura em quarto lugar na procura por migrantes brasileiros, Portes, segundo Lara, esclarece que a população inglesa resultou de um processo de influxos constantes de migrantes, o que contribuiu para uma intensa mescla racial e cultural entre nativos e migrantes; contudo, assim como na nação francesa, no

Reino Unido, também, é possível verificar, ao longo da história, gestos de hostilidade em relação ao estrangeiro.

Nas narrativas dos brasileiros migrantes, tanto na França quanto na Inglaterra, Lara detecta um sentimento de *hostipitalidade*, conceito de Derrida (2000), cujo sentido aponta para uma mescla entre atitudes de hospitalidade e de hostilidade em relação ao migrante. Ambos os grupos de sujeitos entrevistados revelam que franceses e ingleses são mais intolerantes com algumas etnias, mas apreciam o brasileiro por seus traços de calor humano, afetividade, receptividade; contudo, quando há disputa por cargos mais altos com os nativos, estes tendem a rechaçar aqueles. Nesse sentido, ressalta-se como a pesquisa contribui para evidenciar o quão ambíguo pode ser o sentimento de acolhida vivenciado por um sujeito migrante.

No que tange às faixas etárias, Lara salienta que é possível observar um perfil de brasileiros migrantes composto por pessoas mais jovens e escolarizadas, além de serem, predominantemente, do gênero feminino. Quanto às motivações, a autora cita pesquisas que apontam as seguintes: a econômica, a busca por melhores condições de trabalho, de estudo, de qualidade de vida, o desejo de viver em um país com menor violência, entre outros fatores. A análise dessas motivações, que constituem um dos três eixos temáticos abstraídos pela autora no conjunto das doze narrativas, permite-nos refletir sobre aspectos psicossociais que determinam as subjetividades, sinalizados nas narrativas de si, como define Machado (2020), constituindo, assim, um dos mundos que essas narrativas nos permitem acessar, ao lado dos mundos sócio-histórico e linguageiro. Nessa dimensão, os sujeitos revelam sonhos, desejos, frustrações, insatisfações com o país de origem, com

aspectos políticos, culturais, econômicos e até mesmo existenciais, sentimentos que são discursivizados no e pelo processo enunciativo, o que nos leva a discorrer, na sequência, sobre o próximo capítulo, dedicado às definições teórico- metodológicas.

No Capítulo 2, como já salientei, a autora, em uma perspectiva interdisciplinar, salienta as contribuições da etnossociologia para a realização de pesquisas a partir de narrativas de vida, ou *récits de vie*, noção cunhada pelo sociólogo Bertaux; posteriormente, apropriada e introduzida, no Brasil, pelos trabalhos da pesquisadora Ida Lúcia Machado. Lara destaca como tal metodologia, a partir da escuta de narrativas individuais, de sujeitos que vivenciam uma mesma situação social, permite inferir recorrências, pontos comuns entre eles. Nessa perspectiva, a autora propõe considerar, em suas análises, tanto uma dimensão vertical (abarcando as particularidades observadas nos relatos) quanto uma dimensão horizontal (a qual permite se pensar em pontos comuns entre relatos distintos). É preciso ressaltar que essa metodologia tem sido aplicada em diversos trabalhos orientados pela pesquisadora.

Para efetuar seus gestos de interpretação das narrativas transcritas, ou seja, para se debruçar sobre o *como dizer*, sobre a dimensão linguageira propriamente dita, Lara adota algumas das categorias que integram a semântica global, definida por Maingueneau (2005) como um dispositivo analítico, o qual pode ser entendido como um sistema de restrições semânticas que determina os planos do discurso, no cruzamento entre os planos da enunciação e do enunciado. A autora escolheu, então, os planos seguintes: o vocabulário, os temas (impostos e específicos), a dêixis enunciativa e o modo de enunciação.

Além dessas categorias, a autora dialoga com a teoria da heterogeneidade enunciativa, de Authier-Revuz (1990), para analisar as formas de incorporação do discurso do outro pelos sujeitos migrantes. As supracitadas categorias permitem ao analista inferir os eixos temáticos de um discurso, as recorrências quanto às designações, às modalidades, às avaliações axiológicas (vocabulário); à gestão de tempo, de espaço, às pessoas do discurso pelas quais o sujeito da enunciação se representa no enunciado (dêixis enunciativa) e aos modos de enunciação, que remetem a um modo de dizer, a um tom, às escolhas lexicais e aos argumentos, que permitem ao sujeito analista propor possíveis interpretativos quanto aos traços de caráter, quanto à corporalidade (maneiras de ser, de se vestir e de se comportar no espaço social); projetando, desta maneira, imagens de si, a fim de legitimar seu dizer. Lara apresenta ao leitor essas categorias utilizando-se de uma linguagem simples que se mostra didática, proporcionando fácil entendimento mesmo para um leitor não afeito às teorias da ADF, o que confere ao livro uma leitura agradável e fluida.

A autora encerra o capítulo 2 com uma seção que visa descrever os procedimentos utilizados para a coleta dos dados. Quanto à escolha dos sujeitos, Lara buscou selecionar aqueles que residiam há pelo menos seis meses nos países para onde migraram. Foram escolhidos a partir de uma amostragem não aleatória que, segundo Padilha *et al.* (2015), pode ser definida a partir da metáfora da “bola de neve”, em que um colaborador indica outro, abordagem aconselhada também por Bertaux (2005), quando se objetiva estudar sujeitos a partir da categoria de situação. Lara ressalta que o método de entrevista biográfica pode ser considerado um gênero próximo ao da entrevista do tipo diretiva ou semidiretiva, que consta de uma pergunta mais geral e outras específicas. Espera-se, com esse formato, ao mesmo tempo, interferir o menos possível no ato de narrar-se da pessoa e impedir que ela fuja ao tema proposto. Quanto às transcrições, a pesquisadora retextualizou a oralidade para a escrita; contudo, esforçando-se para fazer com que esta fosse o mais fiel possível à elocução.

Para a apresentação das análises, Lara estruturou os capítulos 3 e 4 seguindo a seguinte configuração: i) delineamento de um breve perfil de cada participante da pesquisa; ii) análise das

categorias escolhidas da semântica global: eixos temáticos (motivações para a migração e para um possível retorno; aspectos positivos e negativos da mudança; relações intersubjetivas), dêixis enunciativa, modo de enunciação e iii) destaque de similaridades e de diferenças entre as narrativas. O terceiro capítulo dedica-se às análises das narrativas do grupo francês; o quarto, às do grupo inglês.

A partir da leitura dessas dimensões analíticas, de modo geral, é possível observar como os (as) migrantes brasileiros (as), ao passarem a conviver com uma alteridade, realizam um descentramento sociocultural e passam por uma reconfiguração identitária, o que nos leva a pensar na capacidade reflexiva do sujeito e na constituição de identidades que estão sempre em devir. Como define Hall (2000), elas possuem um caráter fluido e podem ser definidas como uma “celebração móvel”, ou ainda, como pontos de apego temporário a determinadas formações discursivas. Além disso, as análises de Lara corroboram uma premissa de Charaudeau (2006), para quem a projeção de *ethos* resulta de um cruzamento de olhares. As entrevistas propostas pela pesquisadora aos (às) migrantes parecem ter contribuído para que eles (as), implicitamente e (in) conscientemente, refletissem sobre questionamentos do tipo: quem é esse outro, estrangeiro para mim? Como ele me vê? Quais são as imagens que ele projeta de mim, do meu país, de minha cultura?

Esse processo de descentramento, desencadeado pelas vivências com uma alteridade, faz com que o migrante viva uma experiência forte de desenraizamento e vivencie um sentimento de que ocupa um entrelugar. Na narrativa de si, esse processo é indiciado a partir de um desdobramento do sujeito da enunciação: o *eu-aqui-agora*, vivendo no exterior constrói um *eu-lá-então*, um outro de si mesmo, refletindo, pois, sobre o tempo em que vivia no Brasil, como expressam os enunciados seguintes: “eu já não era a Stella que morava no Brasil” (p. 91), enunciadora do grupo francês; “Eu acho que, uma vez que você sai do seu país, é como se você vivesse – a palavra eu não sei se é essa, mas a que eu uso (...) você vive no *limbo*, entendeu? (...) Você vive *dois mundos* (...)” (p. 197), enunciadora do grupo inglês. Essa sensação de não pertencimento também se expressa em um sentimento de estar se esquecendo da própria língua materna, uma vez que é preciso fazer um esforço constante para falar outro idioma, como relatam duas migrantes do grupo francês.

Essas experiências de descentramento e de desenraizamento causam impactos psicológicos fortes nos (as) migrantes, fazendo com que eles (as) discursivizem, nas entrevistas, avaliações, representações, imagens de si, de si como um outro, do outro/nativo e imagens do nativo em relação ao brasileiro. No que se refere ao primeiro eixo temático, *motivações para a migração e possibilidade de retorno*, é possível observar que os sujeitos migraram por razões de ordens econômica, afetiva, estudantil, almejando uma qualidade de vida melhor, o que faz com que a maioria deles critique o Brasil e manifeste um desejo de não retornar à terra natal. Uma das enunciadoras, Vânia, por exemplo, afirma sentir o que chama de um “choque cultural” quando volta ao Brasil; diz ficar dividida entre os dois países. Por sua vez, Isadora, do grupo inglês, contrasta o dito “jeitinho brasileiro” e a característica de um “ser verdadeiro”, por ela atribuída ao povo inglês.

Quanto ao segundo eixo temático, *perdas e ganhos na mudança*, os sujeitos ressaltam mudanças quanto a comportamentos, a hábitos adquiridos que passaram a integrar sua identidade. Por exemplo, Stella, do grupo francês, afirma ter aprendido a ser mais politizada, mais participativa como cidadã, o que fez com que ela saísse do que chama de uma “bolha de classe média alta” quando vivia no Brasil; Bruna, também, do grupo francês, por seu turno, avalia como positivas a diversidade e a acessibilidade a equipamentos culturais, à educação, a eventos em universidades, à liberdade maior quanto a costumes. De maneira geral, nos dois grupos, os (as) migrantes avaliam o país de acolhida como um lugar que lhes proporciona maior segurança, poder aquisitivo, oportunidades de acesso a

bens culturais, como ressalta, por exemplo, Bruno do grupo inglês, quando afirma: “No Brasil (...) o dinheiro só dava para sobreviver (...) Aqui a gente consegue viver (...)” (p. 201).

Quanto aos pontos negativos da experiência de viver e de trabalhar em outra nação, Lara mostra que foram recorrentes avaliações negativas relativas à perda do sentimento de brasilidade, à solidão, ao fato de não poder conviver com os demais familiares, ao clima frio na Europa, à dificuldade do domínio da língua, bem como à discriminação vivida em algumas situações. A autora destaca que a palavra “difícil” foi muito recorrente, sobretudo quando do relato associado aos momentos iniciais do processo de migração; esse termo constitui um ponto de cristalização semântica, como define a semântica global, dispositivo analítico adotado.

Nas análises do terceiro eixo temático, *interações com outros e suas implicações*, é possível observar como a investigação de Lara contribui, de forma veemente, para compreendermos melhor o entrecruzamento de olhares entre migrante e nativo. Nesse eixo, os sujeitos também relatam dificuldades de diversas ordens: as dificuldades para se comunicar em outra língua; o preconceito e a discriminação dos nativos de acordo com a nacionalidade ou com a classe social do migrante; o imaginário de que a mulher brasileira é fácil, segundo Stella, do grupo francês; o estereótipo de que brasileiro é preguiçoso, como narra Mariana, quem afirma que precisa “lutar” o tempo todo contra tal imagem negativa.

No cotejo entre os dois grupos, Lara conclui que o grupo inglês manifesta uma relação mais afetiva com o país, com o nativo, pois, como as narrativas revelam, os ingleses consideram o brasileiro um povo dotado de calor humano, alegria, acolhimento para com o outro, além de Londres ser considerada uma cidade cosmopolita e multicultural. Nesse sentido, a autora destaca que esse grupo mostrou-se mais condescendente, utilizando qualificativos mais positivos para caracterizar o sujeito britânico. Por seu turno, o grupo francês revela uma relação mais objetiva com aquela nação, tendo utilizado termos mais pesados para descrever o povo francês; além disso, a sensação de se viver em um entrelugar foi mais presente nesse grupo.

No que se refere às análises da dêixis enunciativa, a pesquisa de Lara mostra, de maneira profunda, como os sujeitos agenciam os índices de pessoa a fim de opor um *nós* (brasileiros) a um *eles* (franceses ou ingleses), em alguns momentos, como mostra, por exemplo, o relato de Antônio (do grupo francês), indiciando os sentimentos de medo e de rejeição do nativo em relação ao migrante. Destaca-se, igualmente, o uso dos índices de espaço e de tempo, a fim de marcar a oposição entre um *eu/aqui/agora* e um *eu/lá/então*, estratégia por meio da qual o enunciador busca refazer todo seu percurso social, conforme acentua Maitilasso (2014), citada pela autora.

Por fim, a última categoria de análise usada, que visa compreender os modos de enunciação, permitem ao leitor ter uma visão mais profunda do processo de enunciação na entrevista, dos traços éticos, das imagens que esses (as) migrantes projetam de si, de outrem, da discursivização das emoções, das avaliações que essas pessoas realizam na reconstrução de suas memórias. Em uma dimensão horizontal, Lara afirma ter inferido um tom retórico firme, assertivo que concorre para a projeção de imagens de uma pessoa determinada e segura, que não se arrepende da decisão de ter migrado para o exterior e de permanecer em outro país, apesar das dificuldades enfrentadas. Além disso, a autora também inferiu tons de criticidade, de otimismo, mas também de fragilidade, sobretudo quando os (as) migrantes lembram-se de suas famílias, expressando, então, sentimentos de nostalgia, de saudade da terra natal.

As análises realizadas indicam que Lara conseguiu, por meio das entrevistas com essas doze pessoas migrantes, comprovar que é possível, sim, pensar em um discurso comum subjacente a essas enunciações. Elas expressam representações de si e de outrem que se harmonizam em uma

certa medida, como ressalta a autora em sua conclusão, o que a leva, então, a postular que existe um tipo de trama *narrativa canônica*, conforme postula Deprez (2002), citada no trabalho, ou ainda, a defender a existência de um *gênero de narrativa de migração*, sobretudo, se considerarmos a especificidade das temáticas que os sujeitos mobilizam, as condições de produção do discurso a partir das quais essas narrativas emergem.

Nesse sentido, as obras de Lara acerca da temática da migração, além de constituírem exemplos possíveis de análises bem sucedidas no âmbito da ADF, ao mesmo tempo, corroboram pesquisas já feitas, mas também contribuem para contradizer o senso comum e estudos sobre o fenômeno, baseados somente em dados estatísticos, em pesquisas do tipo *survey*, que não consideram, justamente, as subjetividades dos (as) migrantes, as especificidades de suas experiências, de suas dores, de suas angústias, de seus pontos de vista, de seus tempos e espaços, o que atesta a potência do método de investigação centrado em narrativas de vida nas Ciências Humanas, em suas dimensões ética e política.

REFERÊNCIAS

- Ansart, P. (2019). *A gestão das paixões políticas*. Curitiba: Ed. UFPR.
- Authier-Revuz, J. (1990). Heterogeneidade (s) enunciativa (s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, (19), 25-42.
- Bertaux, D. (2005). *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin.
- Bruner, J. (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 18(1) 1-21.
- Brockmeier, J e Harré, R. (2003). Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 525-535.
- Charaudeau, P. (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.
- Charaudeau, P. (2006). *O discurso político*. São Paulo: Contexto.
- Deprez, C. (2002). La langue comme "épreuve" dans les récits de migration. *Bulletin suisse de linguistique appliquée*, Neuchâtel, (76), 39-52. Disponível em <https://doc.rero.ch/record/18337/files/07-Deprez.pdf>. Acesso em 05 dez. 2002.
- Derrida, J. (2000). Hospitality. *Angelaki, Abingdon*, 5(3), 3-18.
- Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade? En Silva, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp.103-133). Petrópolis: Vozes.
- Machado, I. L. (2020). *Narrativas de vida: saga familiar & sujeitos transclasses*. Coimbra: Grácio Editor.
- Maingueneau, D. (2005). *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar.
- Maitilasso A. (2014). Raconte-moi ta migration. *Cahier d'études africaines*. (213-214), 241-265. Disponível em <https://doi.org/10.4000/etudesaficaines.17655>.
- Padilha et al. B. (2015). A imigração brasileira em Portugal. En Peixoto, J. et al. (Ed.), *Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI*, (pp. 9-37) Lisboa: Mundos Sociais.
- Rhéaume, J. (2002) El relato de vida colectivo y la aproximación clínica em ciências sociales. *Perfiles Latinoamericanos*, (21), 99-115.